

O BADMINTON NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Emerson Pereira de Souza Arruda; Rodrigo Wanderley de Sousa Cruz;
Leys Eduardo dos Santos Soares; Djavan Antério; Carlos Vidal de Melo; George Paiva Farias

RESUMO

O estudo em questão objetivou relatar uma experiência docente realizada em uma escola estadual na cidade de João Pessoa/PB. A partir do tema: Esportes com Raquetes, proposta por Freire e Scaglia (2010), utilizou-se como conteúdo de intervenção, a modalidade esportiva Badminton. A pesquisa caracteriza-se como descritiva, de abordagem qualitativa, do tipo participante, cuja técnica de coleta se deu através de aulas pré-elaboradas. O relato foi estruturado em três categorias que configuram todo o processo da experiência educativa realizada: (1) Contatos com a turma diante o desafio de uma inovação conteudística; (2) Unidade Didática (Badminton): objetivos, estrutura de aula e habilidades envolvidas; e (3) Aprendizagens e dificuldades na vivência de um novo esporte. Os resultados obtidos demonstram a eficaz assimilação do conhecimento de um novo esporte, no que se refere às regras básicas e a realização dos fundamentos associados às habilidades motoras, manipulativas, sociais, perceptivas e afetivas, encontradas na proposta de *Corpo-Inteiro*. Como conclusão, suscita-se estudos abordando o badminton na esfera escolar, na intenção de ampliar o aprendizado, assim como subsidiar os professores com conteúdos esportivos numa perspectiva inovadora.

Palavras-chave: Educação Física. Escola. Esporte. Badminton.

THE BADMINTON IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

This study aimed to report a teaching experience held in a state school in the city of João Pessoa/PB. From the theme Sports with Rackets, proposed by Freire e Scaglia (2010), was used as intervention content, the sport Badminton. The research is characterized as descriptive, qualitative approach, participant type, whose collection technique was through pre-prepared lessons. The report is structured into three categories that make up the whole process of the educational experience: (1) Contacts with the class on the challenge of contents innovation, (2) Unity Didacticism (Badminton): objectives, structure and classroom skills involved; and (3) Learning and difficulties in living a new sport. The results demonstrate the effective assimilation of knowledge of a new sport, with regard to the basic rules and fundamentals associated with the achievement of motor skills, manipulative, social, perceptual and affective proposal found in *Corpo-Inteiro*. In conclusion, raises up studies addressing the ball badminton in school, intending to extend learning, and support teachers with innovative sports content perspective.

Keywords: Physical Education. School. Sports. Badminton.

INTRODUÇÃO

O esporte como conteúdo nas aulas de educação física foi adotado como seu principal objeto de estudo e de utilização prática, tornando-o determinante como componente curricular da Educação Básica. É clara a predominância do esporte nas aulas em face da preferência dos educandos para tais práticas corporais. Assim, tomando com base a perspectiva de Freire (2005), pedagogizar um esporte na escola significa entender e valorizar as diferenças entre os esportes, possibilitando utilizá-lo de diferentes formas e beneficiar todos os praticantes, não apenas os mais habilidosos tecnicamente.

Estudos de Gomes-da-Silva (2012; 2011); Oliveira *et al.*, (2012); Dudeck *et al.*, (2012); Silva e Bracht (2012); Apolo (2007); Pires e Neves (2006); Kunz (2004) discutem a predominância do conteúdo esportivo nas aulas de educação física na escola e, em sua maioria, professores ministrando aulas de esportes coletivos já conhecidos e praticados no nosso país (futsal, vôlei, handebol e basquete). De forma geral, os autores citados contestam a problemática preferência pelo viés competitivo e técnico em detrimento de uma relação comunicativa no esporte. Num esforço de síntese, percebe-se a consonância em defesa de um modo de conviver e de agir pelo movimentar-se, gerando novas aprendizagens e novas possibilidades de estar no mundo, através do jogar relacionando-o ao espaço, aos objetos e aos jogadores envolvidos.

A educação física escolar tem como objetivo fornecer uma gama de possibilidades de movimentos para os alunos, para que aos poucos eles consigam construir o seu repertório motor. Isso pensando nas futuras relações com o seu ambiente e procurando formar cidadãos conscientes de sua realidade (FREIRE, 2005). Com isso, torna-se crescente a possibilidade em se tornarem indivíduos saudáveis e preparados para as responsabilidades da vida. A partir dessa reflexão, se torna importante a busca de pedagogizar diferentes conteúdos esportivos para a execução de diferentes tipos de movimentos, para a realização de novas tomadas de decisões nos jogos e atividades que despertem a atenção dos alunos, que seja prazerosa, dinâmica, em que todos os gêneros participem juntos, sem perder o viés lúdico.

Em virtude de nossa inquietação no âmbito da educação física escolar, tomamos o badminton como uma amostra esportiva escolar para descrevermos uma experiência docente na rede pública estadual de ensino. Buscamos compreender como a implementação de um novo esporte para os alunos foi produzida, descrevendo a ação docente na conjuntura esportiva escolar, a fim de suscitar novos estudos com a referida modalidade. A intenção também é compartilhar novos saberes e novas aprendizagens. Em consonância com o dito, Sousa Cruz (2013); Neira (2006) compreendem como necessária que a ação docente seja compartilhada com professores de educação física, estudantes universitários e pedagogos. Desta forma, dar-se-á importância à prática pedagógica do esporte como conteúdo na escola, assim como sua contribuição na vida dos discentes na esfera motora, afetiva, cognitiva e social. Além disso, a busca é pelo compartilhamento de anseios, dilemas vividos e os conhecimentos construídos na experiência. Tudo em prol de uma educação de qualidade.

Devido à experiência em projetos de extensão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), na formação de professores para difusão do esporte na comunidade e atuações como árbitro Estadual em competições de Badminton, despertou-se o interesse de inserir o badminton como conteúdo nas aulas de educação física numa escola pública, objetivando-se fornecer uma gama de possibilidades de movimentos e procurar sair do paradigma de que a educação física se limita aos esportes com bola e/ou jogos populares no nosso país. Nesse sentido, percebemos a relevância desse estudo a partir de uma experiência docente, utilizando como suporte teórico e metodológico a proposta pedagógica “educação de corpo inteiro” de João Batista Freire (2005). Definimos utilizar a proposta como o nosso referencial teórico durante a experiência educativa, creditando a ela a possibilidade de oportunizar aos alunos uma nova prática esportiva, conhecendo sua história, suas regras, fundamentos básicos e golpes específicos do esporte através dos sub-temas: motor, perceptivo, afetivo e social valorizando novas perspectivas de movimento nas aulas de educação física.

Diante do contexto apresentado, artigo objetiva explicar a implementação do conteúdo Badminton na escola e as respectivas repercussões pedagógicas em virtude dessa atuação docente. Na concepção consolidada na intervenção, acredita-se na valorização desse esporte na conjuntura escolar em detrimento de conhecimentos esportivos fragmentados e imutáveis na educação física.

METODOLOGIA

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Professora Antônia Rangel de Farias, fica situada no bairro da torre S/N, na cidade de João Pessoa/PB. Ao chegarmos ao campo do estágio, fomos bem recepcionados pela equipe da direção e pelo professor de Educação Física, que propôs colaborar com a equipe e construir um estágio de qualidade tanto para os professores em formação inicial quanto para os alunos. Contudo, tivemos pouco contato com o professor efetivo, tendo em vista que seu comparecimento limitou-se apenas à construção dos jogos internos da escola. Deste modo, ficou evidente que teríamos de assumir uma responsabilidade maior do que o devido e ainda seguirmos com a intervenção propriamente dita.

A escola possuía espaços adequados para a prática de educação física, ofertando um ginásio poliesportivo com cobertura. Ademais, havia outros espaços não cobertos, mas amplos, como o pátio localizado na parte central e a lateral da escola, formada por um chão coberto de terra batida. Aportando o que diz Sousa Cruz (2013), entendemos que o papel da escola e do professor é criar espaços, tempos e materiais em que a criança realize movimentos através dos quais possam expandir suas possibilidades corporais, afetivas e cognitivas no tocante ao movimentar-se nas aulas.

A diretora informou que um dos grandes problemas da instituição escolar é a ausência dos pais, que deixam seus filhos na escola e não procuram acompanhar seus desempenhos, comportamentos e o que, de fato, realizam na escola. Esse cenário é refletido por Neira (2010, p. 52), que afirma que “a função socializadora da escola torna-a mais complexa e totalizante, pois a escolarização incorpora demandas recentes que outrora foram cumpridas pela família e pelas diversas associações que dividiam a responsabilidade educativa”. Isso implica uma constante responsabilidade de todos que fazem parte da conjuntura escolar para ir além do educar, mas, do “cuidar” dos educandos.

O material utilizado foram quinze raquetes, três tubos de petecas e rede de badminton para a intervenção, trazido pelos professores em formação inicial para uma prática adequada. A escola limitou-se a oferecer o que havia disponível: algumas bolas de vôlei, feitas de forma artesanal (não oficiais), uma bola de futsal já usada e quatro bolas de basquete, sendo a maioria sem condição para o uso específico da modalidade.

Após a observação das aulas do professor colaborador (efetivo da escola) e da entrevista com os alunos, foi criado um perfil da turma a ser trabalhada. A partir das informações colhidas, adotou-se a proposta norteadora da intervenção, *corpo-inteiro*, de Freire (2005). Segundo o autor, a proposta tem como base criar pessoas mais conscientes da sua atuação no mundo, de não só trabalhar o corpo, mas a mente e o espírito, caracterizando-se com efetivos sujeitos autônomos.

A base metodológica da nossa investigação baseia-se a partir do estudo de Sousa Cruz (2013), que toma uma experiência docente no âmbito escolar a partir da proposta pedagógica de *corpo-inteiro*. A pesquisa caracteriza-se como descritiva, de abordagem qualitativa, do tipo participante, cuja técnica de coleta se deu através de aulas pré-elaboradas, ministradas de forma a desconstruir o tradicional método aplicado nas escolas, o qual se limita a prática de um esporte sem planejamento prévio que justifique a escolha do mesmo. Como sistematização de estudo, estruturamos três categorias que configuram todo o processo da experiência educativa realizada: (1) Contatos com a turma diante o desafio de uma inovação conteudística; (2) Unidade Didática (Badminton): objetivos, estrutura de aula e habilidades envolvidas; e (3) Aprendizagens e dificuldades na vivência de um novo esporte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos a seguir, categorias que explicitam de forma minuciosa a vivência que se procedeu em campo. Tratamos da caracterização da turma, pontuando sua composição, diagnóstico e relação estabelecida entre professor e alunos. Explicitamos também a unidade didática badminton com os objetivos, estrutura de aulas e habilidades envolvidas. Por fim, destacamos as aprendizagens e dificuldades emergidas ao longo da intervenção. À luz de Freire (2005), ratificamos o entendimento de uma educação de *corpo inteiro*, ressaltando um corpo que se relaciona com outros corpos, que interage com o meio, configurando-se como parte do todo.

O fato é que por meio do badminton, pudemos possibilitar e suscitar tal perspectiva, vivenciando *in locu* esses elementos comunicativos, ativos, manipulativos. Conseqüentemente, aflorou-se de forma natural, novas aprendizagens, novos desafios, novos conteúdos, tudo permeando por uma perspectiva de educação esportiva que transcende o tradicionalismo técnico e mecanizado que ainda impera em nossas escolas.

1) O contato com a turma diante o desafio de uma inovação conteúdística

A turma no 6º ano (A) era composta por 22 alunos, sendo 9 meninos e 13 meninas. Em conversa com os professores das outras disciplinas, tomamos conhecimento que se tratava de uma turma muito difícil de ministrar aula, barulhenta, que pouco respeitavam os colegas e os próprios professores. Sobre isso, Neira (2010, p. 49) argumenta que para a construção de uma experiência escolar transformadora é preciso que aceitemos “os ganhos da democratização do acesso à escola, mesmo que isso signifique a permanência de todos os alunos que, de forma insistente e cotidiana, se negam a aceitar passivamente a escolarização e tudo que ela significa”. Adotando tal pensamento, aceitamos o desafio, movidos, sobretudo, pela possibilidade em oferecer uma nova prática esportiva.

De certa forma, tentamos inovar com uma nova prática esportiva, em que os alunos participassem efetivamente das aulas, tanto meninas quanto meninos, já que faziam as atividades separadamente, cada um com seus grupos de afinidade. “O que falta nas escolas, na maioria das vezes, não é material, é criatividade. Ou melhor, falta o material mais importante. Essa tal de criatividade nunca é ensinada nas escolas de formação profissional” (FREIRE, 2005, p. 67). Assim pensamos nessa experiência docente: criar novas possibilidades de aprendizado (a partir do badminton) desafiados por um problema identificado no primeiro contato com a turma.

Tomamos com base um estudo de Silva e Bracht (2012) em que caracteriza a prática pedagógica em três tipos: uma esportivista, tratando os alunos como um seleiro de atletas para competições esportivas, uma segunda como um “desinvestimento” (“professor rola a bola”, “pedagogia da sombra”) e, por fim, a menos comum, é aquela que busca inovar, busca modificar, desviando de alguma forma da tradição instalada. Encontramos o cenário predominantemente para o segundo tipo sugerido pelos autores acima citados e nosso propósito foi de adotar a partir do terceiro tipo, mais reflexivo e inovador, buscando novas leituras para subsidiar nossa prática pedagógica para o aprendizado de novas ações através do esporte, pois acreditamos na relevância do badminton nas aulas para a vida dos alunos. Corroborando com isso, Apolo (2007, p. 41) esclarece que “o professor que não lê não tem subsídios suficientes para planejar bem e muito menos recursos para executar a prática docente, dentro das inúmeras e infinitas situações que surgem no meio do caminho de quem tem que educar com consciência”.

No primeiro dia de aula prática na quadra, distribuímos os implementos (petecas e raquetes) para os alunos e os mesmos ficaram “curiosos” do que se tratava aquele material. Alguns mencionaram tênis, outros afirmaram “vamos jogar peteca”. Falamos um pouco da história do Badminton, suas semelhanças com o tênis de quadra e suas peculiaridades. Notamos que a ansiedade tomava conta da turma, e fizemos uma pequena demonstração de como funcionava a empunhadura na raquete, a batida na peteca, sem estar em quadra, apenas controlando-a. Isso já era uma situação de inovação na prática pedagógica esportiva para que eles pudessem observar os movimentos para, a posteriori, realizá-los nas aulas. Era latente em nossas intenções, nossas ações, o valor educativo do esporte, valorizando a ludicidade. Tal sentimento pode ser perfeitamente ilustrado por Murcia e García (2005), os quais, entendendo e reconhecendo este valor, sugerem que o educador deva saber reorientar a organização das atividades esportivas para dotá-las do incalculável valor educativo que possui. “O educador deve saber utilizar o jogo a fim de orientar e introduzir as atividades esportivas em um contexto educativo” (Idem, p. 140).

No decorrer das aulas, inserimos algumas regras oficiais da modalidade, formando grupos. Alguns alunos estavam participando, outros ficaram sentados, alguns desobedeciam, atrapalhavam ou até mesmo não queriam participar da aula. Estes alunos eram delegados a registrar a atividade trabalhada na aula, refletindo suas atitudes diante os colegas e o professor. Mediamos esse processo entre o badminton e a turma para que deixássemos clara nossa intenção no que concerne ao modo de encarar o esporte (APOLO, 2007), numa perspectiva formadora e educacional em detrimento de uma competição exacerbada e sem intencionalidade.

Os grupos criados auxiliavam o professor na montagem das quadras com fita adesiva branca, para que as atividades prosseguissem. Essa variação no modo de tratar o esporte; construindo outro espaço, delimitando-o; a utilização de outros materiais e uma nova forma de jogar nas aulas, aproximou o professor e a turma, aumentando a participação de mais alunos nas aulas de badminton. Segundo Freire (2005), qualquer material pedagógico, espaço e atividades serão mais ricos se forem variados. De acordo com Gonçalves *et al.*, (2012), o badminton é um jogo de interação, que estimula tanto as capacidades físicas, psíquicas, afetivas e sociais de seus praticantes. Isso ficou evidente nesse período em virtude de diversidade de ações, de construções, do espaço utilizado e dos materiais usados.

Diante disso, os comportamentos e posturas nas aulas, anteriormente, resistentes, apesar da novidade de uma nova prática esportiva, passaram a mudar com atos de respeito para com os colegas e professor. Essa culminância se deu em face da compreensão da nossa intencionalidade educativa na escola: praticar um jogo em que se aprendam novas condutas de movimentos, novas ações, novas comunicações, novos significados, compreendendo a regra, a especificidade do esporte, a cooperação e a atenção como características marcantes na intervenção com a turma, resultantes de um modo inovador de tratar o esporte como conteúdo nas aulas de educação física.

Dialogando com Freire (2005), autor da proposta corpo-Inteiro, refletimos que nosso contato com o universo pesquisado exigia uma educação do movimento e pelo movimento, em vez de uma educação para o movimento. Isso significa aceitar e enxergar o ato de movimentar-se de forma peculiar. Rompendo com as normas coordenadas, a prática sistematizada, mecânica, não nos interessava a educação para o movimento, enfocando o motor como finalidade da educação física. Almejávamos sim uma prática esportiva organizada, mas flexível; objetiva, porém improvisada em dados momentos; enfim, acobertada por um conjunto de possibilidades agregadoras, transformadoras.

2) Unidade didática (Badminton): objetivos, estrutura de aula e habilidades envolvidas

Tendo em vista as considerações a partir do programa de conteúdos elaborado por Freire e Scaglia (2010) na proposta Corpo-Inteiro, encontramos o tema: Esportes com Raquetes, sendo os mais conhecidos o Tênis, Tênis de mesa, o Badminton, o Tamboréu, o Padle e o Squash. O Badminton é um esporte que chama muita atenção, pois é praticado com raquetes, petecas numa quadra que é muito semelhante à de tênis. De acordo com Gonçalves *et al.*, (2012) o badminton é um esporte de fácil aprendizagem e desenvolve o raciocínio, a estratégia, o rendimento esportivo, e também estimula no desenvolvimento das habilidades psicomotoras, como a coordenação motora, lateralidade, estruturação espacial e temporal dentre outras capacidades.

Objetivamos na unidade didática: oportunizar aos alunos a vivência de novas perspectivas de movimento através uma nova prática corporal esportiva (badminton) e, especificamente, 1) conhecer a história do badminton, suas regras básicas, discutindo regras e formando grupos; vivenciar os fundamentos básicos do esporte (empunhadura da raquete, posição básica e movimentações básicas em quadra), trabalhando com isso habilidades motoras de deslocamento: correr, andar e desviar e habilidades de manipulação: bater, rebater e segurar; e perceptivas: noções de espaço e tempo dos alunos e 2) Vivenciar algumas batidas que o esporte nos fornece (Clear, Amortie, Remate, Drive, Lob e Encosto), trabalhando as habilidades motoras, perceptivas, afetiva (confiança) e social (discussão de regras). A estrutura das aulas a partir desse conteúdo e dos objetivos propostos consistia em três momentos: o primeiro, uma roda de conversa inicial, apresentando o tema e o objetivo a ser alcançado na aula. O segundo momento consistia na realização das atividades propostas. Por fim, o terceiro momento, uma nova roda de conversa era feita para conversar com os alunos sobre as aprendizagens do dia, bem como as dificuldades para serem superadas ou minimizadas nas aulas seguintes.

O Badminton é considerado o esporte de raquete mais rápido do mundo e, desse modo, exige dos jogadores rapidez no planejamento, execução dos movimentos e acurácia temporal e espacial no posicionamento da raquete para interceptar a peteca (LOUREIRO JR e FREITAS, 2012). De maneira que ao participar deste jogo, o participante a todo instante, deverá desenvolver decisões e respostas rápidas, empreendendo um estímulo potencial para a inteligência sociocognitiva. Esta prática impõe, por definição, a interação social e pode solicitar capacidades cognitivas muito complexas, através da percepção, análise da situação e tomadas de consciência (PARLEBAS, 2001. p. 267).

Diante desse contexto, colocamos em prática todo o conhecimento adquirido com as vivências anteriores no esporte, aproveitando que a escola possuía a estrutura necessária para a intervenção com a modalidade. A partir do conhecimento prévio desses fatores, e o conhecimento prévio da turma, procuramos uma proposta pedagógica que atendesse a necessidade dos alunos e que pudéssemos trabalhar a modalidade com qualidade, de maneira espontânea, não só pensando em técnicas propriamente ditas, mas em colaborar na construção de um sujeito mais ativo e conhecedor de sua realidade. Pois o que não pode acontecer no Badminton, é deixar que o treinamento se sobressaia sobre o reflexionamento. “Não é conseguir que o aluno faça isto ou aquilo”, mas que ele compreenda, por reflexionamento próprio, “como fez isto ou aquilo” (BECKER, 2001. p. 56).

O Badminton privilegia o “diálogo” com o opositor, por meio da peteca. A peteca une os participantes, de forma que as ações de um influenciarão diretamente na do outro. No Badminton existe uma relação direta com o adversário, em que as ações táticas dos jogadores são determinantes, uma vez que essas ações não dependem apenas do próprio jogador, mas também, da resposta do seu adversário, da capacidade de leitura das situações e também da decisão imediata dos dois jogadores em confronto (FERNANDES, 2008).

A comunicação corporal presente no jogo e muitas vezes imperceptível para aqueles que assistem, constitui na origem das condutas empáticas. Ou seja, o jogo só ocorre tendo em vista o comportamento do oponente, “as condutas empáticas se desenvolvem nas situações motrizes que provocam interações entre companheiros e adversários, em que cada co-ator atua em função em função das atitudes, intenções e projetos que atribuem aos demais” (PARLEBAS, 2001. p. 188). Exigindo assim, coloca-se outro ponto de vista, para assim melhor se sobressair e se antecipar às ações do adversário.

O processo de antecipação no badminton acontece a partir da análise referencial determinada por vários fatores. Para se antecipar, o participante primeiramente analisa o ambiente, a situação, o tempo e seu deslocamento, de forma que faz isso tentando fazer com que o adversário não perceba. Segundo Parlebas (2001), a antecipação motriz se refere a uma “conduta motriz de um participante, que durante o desenvolvimento de sua intervenção no espaço e no tempo, tem em conta ativamente a evolução potencial das situações, a fim de preparar-se para atuar em melhores condições possíveis” (p. 48).

Uma ação de antecipação comum no badminton é a subida de rede que consistem em deslocar-se rapidamente na quadra, do fundo para o meio, rente a rede, de forma a diminuir o tempo de reação da peteca, ou seja, se antes levaria determinado tempo para o adversário bater na peteca e ela chegar até outro para se rebatida, em uma subida de rede o tempo de remate diminui, de forma que muitas vezes pegam os participantes desprevenidos. Estas ações são sempre um movimento que surpreende o adversário e às vezes até o deixando sem reação. Assim, estas são as razões pelas quais nós defendemos que no esporte todas as ações dos atletas estão condicionadas pelo parâmetro situacional, constituindo-se numa trilogia que abrange tempo-espaço-situação (GRECO e BENDA, 1998). Estes fatores estão intimamente estimulados e relacionados a este jogo, de forma que participar dele exige a total realização deles. “A combinação destes parâmetros de detecção nos jogadores peritos dos desportos de raquetes, possibilita-os de responder virtualmente a uma infinidade de combinações de estímulos, sobre uma vasta variedade de situações e circunstâncias” (FERNANDES, 2008. p. 23).

Portanto, o Badminton é um jogo em que temos de salientar a multiplicidade de ações, no qual os atletas tentam criar situações de pressão num curto espaço de tempo ao adversário (FERNANDES, 2008). E nesta multiplicidade de ações se escondem gestos e interações que são de ordem essencial para o desenvolvimento da dinâmica da comunicação ou de oposição. Por exemplo, a movimentação ofensiva ocorre principalmente com as subidas de rede, uma movimentação rápida na tentativa de surpreender o colega. Outro gesto ofensivo é a “lagardinha” movimento que pega desprevenido o adversário, imprimindo geralmente pouca força no movimento do que no habitual. Este gesto constitui uma ação induziva que tenta enganar o adversário, realizando todo o gesto motor e expressão corporal de uma batida forte, induzindo os adversários a seguir direções contrárias à peteca, direcionando o olhar para um lugar e batendo na outra direção (SOARES, *et al.*, 2012).

Os jogadores ao receberem esses serviços ou “volleys”, têm de tentar antecipar e iniciar os movimentos muito cedo para estarem em posição para executar a recepção, caso contrário, o atraso nas atividades do processo perceptual e motor impede os atletas de agir no local certo na hora certa (FERNANDES, 2008). Daí surge o sentido da referencialidade espacial, pois o cálculo do espaço será sempre efetuado desde os deslocamentos e da direção dos remates. No Badminton, a colocação do remate em geral pode ser

determinante no resultado final da jogada. “É nesta ação que o jogador mais arrisca em termos de potência na execução do batimento e colocação do volante em zonas limites que criam maiores dificuldades de resposta por parte do adversário” (FERNANDES, 2008. p. 35).

3) As aprendizagens e dificuldades na vivência de um novo esporte

Durante a experiência docente tivemos a oportunidade de ministrar 17 aulas para a turma, sendo que 13 aulas do conteúdo badminton, e as outras aulas foram utilizadas para a construção e execução dos jogos internos da escola, em que o badminton entrou como esporte de apresentação para toda a escola. Nesse dia, professores de educação física e alguns alunos realizaram uma breve apresentação no ginásio, deixando todos os presentes na escola surpresos e animados a participarem ainda mais nas aulas. Após essa etapa, foram convidados alunos para que jogassem e também se apresentassem na escola, culminado num dia de alegria.

Na primeira aula, os alunos formaram uma roda de conversa, questionando-os se alguns dos mesmos conheciam o esporte, ou tiveram alguma informação. Aproveitamos para falar brevemente sobre a historicidade do esporte Badminton, em que, de acordo com Fernandes (2008); Lorenzi (2011); Gonçalves (2012), o Badminton moderno teve sua origem por volta de 1870, a partir de oficiais da marinha Britânica que conheceram a primeira versão do jogo com o nome Poona em visita a Índia. Posteriormente, o jogo foi levado até um local, conhecido como Badminton House, frequentado pela alta classe da Inglaterra. Em 1887 foram trazidas da Índia algumas regras, que logo foram aperfeiçoadas e implantadas, permanecendo aos dias atuais. Após uma pequena explanação sobre a história, mostramos a forma correta da empunhadura da raquete. Com isso, os alunos ficaram admirados e curiosos, pois alguns questionavam a semelhança do badminton com o tênis de campo. A empunhadura é o elemento básico do esporte, pois é a partir dela que o aluno desenvolve ou não uma ótima técnica de batida.

Dadas as informações básicas, permitimos que os alunos experimentassem as características da raquete, da peteca, em duplas, de forma livre, sem impor técnicas, mais sim a parte lúdica, a parte da vivência, da espontaneidade que tanto nos esclarece Freire (2005) ser uma parte onde as reflexões e os primeiros movimentos são descobertos. Nessa aula percebemos alguns movimentos oriundos da prática, salientando que, no início, a maioria dos alunos demonstraram dificuldades para acertar a peteca, considerado normal para um primeiro contato.

Na segunda e terceira aula, antes das atividades práticas, separamos grupos para discussão das regras do esporte, em que alguns alunos reforçaram a semelhança com o tênis de campo, sendo este conhecimento prévio do tênis um elemento facilitador, pois existem poucas diferenças entre os esportes, tanto no tamanho da quadra, no tamanho e peso das raquetes e no implemento, bola no tênis e peteca no badminton. Posteriormente, na atividade prática, foram separados grupos para a montagem da quadra, utilizando fitas crepe para a demarcação das linhas e trena para a medição que segundo Lorenzi (2011) possui 13,40 metros de comprimento, e 6,10 metros de largura, com o formato retangular. A rede foi colocada a 1,55 metros em relação ao solo. Neste momento alguns alunos colaboraram bastante com a tarefa, tornando o serviço bem mais rápido.

Ao final, foi permitido que os alunos experimentassem o jogo, de maneira que sacassem e jogassem apenas sabendo as posições na quadra que é sempre em diagonal, começando a sacar do lado direito (par), e quando o placar for ímpar do lado esquerdo. Notei que alguns alunos que estavam fora da atividade, começaram a participar, devido que seus colegas estavam desenvolvendo o jogo bem inicialmente. Notamos nesse momento que a quadra, associada aos implementos peteca e raquete têm um poder de atração muito forte nos alunos, haja vista que a manipulação de objetos é sempre uma forma de aprendizagem, utilizando novos movimentos.

Na quarta aula, iniciamos o trabalho de fundamentos, começando pelo serviço ou saque, em que consiste de um fundamento básico, sem ele não se inicia o jogo. Para Araújo (2012) o saque pode curto (a peteca é lançada mais próxima da rede) e longo (a peteca é lançada ao fundo da quadra). Dependendo da estratégia utilizada, um saque eficaz pode definir muitos pontos a favor do jogador em serviço. Num primeiro momento, executamos o saque curto, para todos observarem e praticarem, sempre respeitando que a cabeça da raquete deve estar na linha da cintura, acima disso, considera-se falta. Nesse momento notamos algumas dificuldades dos alunos, não acertavam o tempo de execução, e a força utilizada era inadequada. Depois, realizamos a demonstração do saque longo, nos deixando satisfeitos em virtude da aprendizagem da execução desse saque ter sido mais facilitada do que a execução do saque curto.

Algumas considerações sobre as regras foram esclarecidas, revezando os alunos na quadra, adaptando o game, que, oficialmente possui 21 pontos, diminuímos para 15 pontos, para dinamizar a participação de todos nos jogos. Ainda na mesma aula, em face de alguns alunos terem realizados ações no saque curto com dificuldades, aplicamos mais atividades de saque, com intuito de facilitar a execução e aprendizagem dos mesmos.

Na quinta e sexta aula, aplicamos atividades em que os alunos se movimentaram pela quadra em posse da raquete, sem a peteca, de forma que conhecessem todos os pontos da quadra, para que no jogo, buscassem defender a peteca, lançada em qualquer ponto da quadra, seja na zona próxima da rede, ora na zona mediana ou na zona de fundo da quadra. Araújo (2012, p. 76) nos revela que “o sujeito deve ter consciência dos próprios movimentos, deve conhecer seu corpo para que construa e ajuste as ações necessárias a cada jogada.” Nesse processo, foi exigida muita coordenação dos membros inferiores, alguns alunos com dificuldades na realização do movimento, pensando em desistir da atividade. Nesse momento utilizamos a conversa e estímulo para que os mesmos não desistissem dos movimentos básicos para o aprendizado da modalidade, tornando o jogo mais atrativo e disputado. Em determinado momento da sexta aula, alunos de outras séries em aula vaga na escola, vieram assistir a aula da turma, despertados pelo interesse e curiosidade em conhecer essa modalidade.

Na sétima aula, introduzimos as técnicas de batidas, que requer certa experiência no controle da peteca, por isso foi vivenciadas após a prática dos fundamentos básicos. Conhecer as diversas técnicas de batidas aumenta a gama de possibilidades de tornar o jogo mais competitivo, dependendo da estratégia adotada pelos jogadores. Iniciamos com a batida Clear, pois se trata de um golpe de fácil aprendizado. De acordo com Araújo (2012), se trata de uma batida alta, em que o aluno bate na peteca ainda no alto, com o intuito de lançá-la em direção ao fundo da quadra adversária, permitindo assim, o jogador se reposicionar em quadra e estrategicamente deslocar o seu adversário para o fundo da mesma. Pode ser defensivo e ofensivo. Os alunos já desenvolviam bem esta batida, conseguindo até mudar as direções da mesma. Seguindo a sequência, partindo para uma batida mais alta, aplicamos a execução da batida Lob, que segundo Araújo (2012) se trata de uma batida de baixo para cima, muito utilizado quando a peteca se encontra próxima da rede, e é lançada para o fundo da quadra, com o objetivo de deslocar o adversário para o fundo da mesma. Neste golpe, os alunos sentiram certa dificuldade, não acertando a força e o tempo de execução, tendo muitas vezes a peteca batendo na rede.

Na oitava aula, revisamos os golpes já praticados pela turma em uma forma de aquecimento, e introduzimos duas novas batidas, o chamado Drope e o Drive. O Drop trata-se de uma batida realizada próxima à rede, onde o jogador apenas “empurra” a peteca que está um pouco acima da rede para cair próximo da mesma. Tem objetivo de surpreender o jogador que se encontra no fundo da quadra. Araújo (2012, p. 79) nos esclarece que “para enganar o oponente, deve-se fazer a mesma movimentação usada no Clear defensivo, acertando a peteca quando esta estiver exatamente em frete da sua cabeça”, apenas “empurrando” a peteca para que ela caia bem próxima da quadra adversária. Já o Drive, é um golpe rápido, realizado de forma que a peteca passe rente a rede, com grande velocidade de forma reta. Esses golpes foram realizados por todos os alunos de forma bastante eficaz, por se tratar de batidas mais simples, mais com grande importância na partida. Nesta aula, algumas meninas da turma que estavam apenas observando as atividades, começaram a praticar, tornando bem mais dinâmico o processo.

Na nona e décima aula, introduzimos as batidas consideradas mais difíceis de aprendizado, por depender de diversos fatores, como nos revela Araújo (2012), como a força utilizada, tempo de execução, altura da peteca, ponto de impacto da peteca na raquete. Os golpes ministrados foram o Smash (cortada) e a Largada (Net-Shot). Começamos com a largada, que se trata de um golpe em que o objetivo é lançar a peteca o mais próxima da rede, estando próximo da rede, dificultando a recepção do jogador adversário. Esse golpe requer paciência e certo controle da raquete, pois qualquer força excessiva pode colocar em risco a jogada e facilitar a vida do adversário. Neste golpe, alguns alunos tiveram dificuldades em controlar a ansiedade, e a força na raquete, normal se tratando de poucas aulas ministradas. O Smash se trata de um golpe de grande velocidade, bastante ofensivo e um dos mais importantes no badminton. Araújo (2012, p. 79) no afirma que: “O golpe deverá ser forte, direcionado para baixo, devendo o jogador girar totalmente o pulso de modo que, no fim do movimento, a cabeça da raquete esteja totalmente voltada para baixo”. Por se tratar de um golpe bem mais difícil de execução e que requer uma experiência maior com a modalidade, os alunos não conseguiram executar de forma correta, errando o tempo de execução, a posição do corpo e da raquete.

Nas últimas três aulas, refletimos tudo o que foi vivenciado sobre o conteúdo badminton. Os fundamentos aprendidos, as sensações durante as atividades, as possibilidades de um novo esporte nas aulas de educação física, as opiniões a cerca das aulas ministradas, das dificuldades vividas e os novos movimentos realizados. A partir dessa revisão de todo o conteúdo esportivo, construímos um pequeno torneio de badminton para a finalização da experiência docente com a turma, em que a maioria participou e gostou. Nesse momento, alguns alunos relataram que gostariam de participar de mais aulas de badminton, indagações sobre locais para a prática na cidade e que gostariam de continuar a prática do esporte na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Frente à experiência relatada, percebemos o quanto é relevante a implantação de um novo conteúdo nas aulas de educação física. Relutar contra o modo simplista de pedagogizar o esporte na escola nos faz refletir sobre o impacto de nossa prática pedagógica na aprendizagem dos alunos. Isso implica em oferecer conhecimento em vez de negá-lo, como é mais confortável a ser feito e como muitos fazem. Durante o desafio de trazer uma perspectiva inovadora de esporte, dentro da esfera escolar, nos deparamos com algumas dificuldades que, diante dos avanços pedagógicos na educação física, deveriam a tempos terem sido minimizadas, como a predominância de uma única prática para os meninos e para as meninas.

Ampliar o repertório de movimentos é obrigação nossa enquanto educadores, não apenas para uma execução técnica, para um bom rendimento, mas, sobretudo, para que o aluno possa se comunicar melhor no jogo, para uma melhor convivência, para aprender novas condutas, novas posturas, sendo um efetivamente partícipe da conjuntura interna e externa da escola. Enfrentar o desafio de educar, ainda mais pelo movimento, em que corpos estão fora de seus lugares estabelecidos, livres para agirem, não foi e provavelmente nunca será uma tarefa fácil. Em contrapartida, aspectos como gratificação, bem estar, responsabilidade social, equilibram a balança e proporcionam ainda a prazer e satisfação em atuar no “chão da escola”.

De forma específica, foi extremamente gratificante poder oferecer algo diferente e constatar o avanço da aprendizagem dos alunos envolvidos. Alunos que não sabiam nem do que se tratava o badminton, o conheceram, o vivenciaram, experimentaram possibilidades de movimentos, com/sem objetos, num espaço delimitado e totalmente diferente do convencional. E mais, o fato de tudo isso se dar dentro do cotidiano escolar é sinal de que é possível trazer o novo, refazer a prática, oportunizar conhecimento para os alunos. Estes, por sua vez, confidenciaram o que sentiram, o que acharam, aprovando de forma unânime o tudo o que ajudaram a constatar. Portanto, nada podemos senão defender e suscitar as práticas inovadoras e alternativas nas esferas escolares. De forma concreta, defendemos o badminton como conteúdo esportivo nas escolas públicas, assim como mais estudos sobre esse esporte no âmbito da educação física escolar, ampliando os horizontes científicos e subsidiando os professores em suas ações e práticas docentes.

REFERÊNCIAS

APOLO, A.A. Criança e o adolescente no esporte: como deveria ser. SP: Phorte, 2007.

ARAÚJO, L.C. **Estudo da influência da iniciação do badminton centrado na tomada de consciência sobre o desenvolvimento psicomotor de jovens praticantes**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

BECKER, F. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

DUDECK, T.S. *et al.* A abordagem do Esporte No Processo de Formação profissional em Educação Física e a influência nas aulas de Educação Física Escolar na rede municipal de ensino de Cuiabá. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 11, n. 1, p. 17-24, 2012.

FERNANDES, R.J.C. **Dinâmica Decisiva no Badminton: O acoplamento serviço-recepção nos atletas singulares homens de elite mundial**. 2008. 219f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Desporto) Universidade da Madeira, Portugal, 2008.

FREIRE, J.B; SCAGLIA, A. **Educação como prática corporal**. São Paulo, SP: Scipione, 2010.

- FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo, SP: Scipione, 2005.
- GOMES-DA-SILVA, P.N. A corporeidade do movimento: por uma análise existencial das práticas corporais. In: HERMIDA, J.F.; ZOBOLI, F. (Org.) **Corporeidade e educação**. João Pessoa, PB: Ed. Universitária UFPB, v., p. 139-174, 2012.
- _____. **O jogo da cultura e a cultura do jogo**: por uma semiótica da corporeidade. João Pessoa, PB: Ed. Universitária UFPB, v. 1, p. 352, 2011.
- GONÇALVES, R. *et al.* A importância da tomada de consciência no jogo badminton. **Fiep Bulletin**, Foz do Iguaçu, v. 82, special edition, article I, 2012.
- GRECO, P.J.; BENDA, R.N. (Org.). **Iniciação esportiva universal**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, v. 2, 1998.
- KUNZ, E. (Org.). **Didática da educação física**. 2. ed. Ijuí, RS: Unijui, 2004
- LOUREIRO JR, L.F.B; FREITAS, P.B. Influência do nível de desempenho de jogadores de badminton em aspectos neuromotores durante uma tarefa de apontar um alvo. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**. São Paulo, v. 18, n. 3, 2012, p. 203-207. ISSN 1517-8692. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-86922012000300014&script=sci_arttext>. Acesso em: 25 e fevereiro de 2013.
- LORENZI, V.F. **O Badminton nas aulas de educação física na proposta crítico-superadora**. 2011. 41f. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2011.
- MURCIA, J.A.M; GARCÍA, P.L.R. Do jogo ao esporte. In: MURCIA, J.A.M (Org.). **Aprendizagem através do jogo**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.
- NEIRA, M.G. **Por dentro da sala de aula**: conversando sobre a prática. São Paulo, SP: Phorte, 2010.
- _____. **Educação física**: desenvolvendo competências. São Paulo, SP: Phorte, 2006.
- OLIVEIRA, D.M. C. *et al.* A sistematização do handebol e as contribuições da praxiologia motriz nas aulas de educação física escolar. **Coleção Pesquisa em Educação Física**, Várzea Paulista, v. 11, n. 1, p. 53-60, 2012.
- PARLEBAS, P. **Juegos, deporte y sociedad**: léxico de praxiología motriz. Barcelona: Paidotribo, 2001.
- PIRES, G.L; NEVES, A. O trato com o conhecimento esporte na formação em educação física: possibilidades para sua transformação didático-metodológica. In: MOREIRA, E.C. (Org.) **Educação física escolar: desafios e propostas 2**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2006.
- SOARES, L.E.S. *et al.* Comunicação motriz nos jogos populares: uma análise praxiológica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 159-182. jul/set. 2012.
- SILVA, M.S; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Revista Kinesis**. Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 75-88, janeiro/junho, 2012.
- SOUSA CRUZ, R.W. A ação docente a partir da proposta “educação de corpo inteiro” nas aulas de educação física. In: MARQUES, A.C.P.S. *et al.* (Orgs.). **Pesquisa em Educação**: novos temas, novas abordagens. João Pessoa, PB: Ed. Universitária (UFPB), 2013.

¹ Grupo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educação – GEPEC – DEF/CCS/UFPB.

² Universidade Federal da Paraíba – Departamento de Educação Física – CCS/UFPB.

Rua Maria José Rique, 405
Cristo
João Pessoa/PB
58071-610